

Assine a nota de contribuição da Setorial de Tecnologia e Antivigilantismo do PSOL/SP ao 7º Congresso nacional do Partido - 2021

Este formulário é direcionado às pessoas filiadas ao PSOL de todo o Brasil. Para participar, leia a íntegra da nota, preencha seus dados corretamente e pressione o botão enviar.

All fields marked with * are required and must be filled.

Insira seu nome completo *

Insira os cinco primeiros números de seu RG *

somente números (ex: 123456789)

Insira o município onde consta sua filiação *

Insira a UF onde consta sua filiação *

Ao preencher este formulário você declara que é filiada(o) ao PSOL, que leu e se subscreve ao texto da Contribuição desta Setorial, apresentada abaixo, para os fins dispostos na convocatória do 7º Congresso do PSOL publicado no dia 13 de março de 2021, pelo Diretório Nacional do Partido. *

Os dados informados neste formulário não serão utilizados para nenhuma finalidade incompatível com a Convocatória do 7º Congresso Nacional do PSOL 2021 *

Aceito e concordo.

(Opcional) Nossa setorial mantém o grupo de Discussões 'Tecnologia e Antivigilantismo' no whatsapp, informe o seu telefone abaixo com ddd caso queira participar:

Favor inserir um número de telefone válido.

(Opcional) Caso queira receber eventuais comunicações de nossa setorial, informe o seu endereço de e-mail abaixo:

exemplo@exemplo.com

Enviar

Contribuição da Setorial Estadual de Tecnologias e Antivigilantismo do PSOL/SP ao 7º Congresso do Partido - 2021.

Em reforço ao programa estratégico do partido, o grupo que esta subscreve está convicto que o sistema capitalista imperialista mundial - que conduz a humanidade a uma crise global - relaciona-se com o avanço da ciência e da técnica, acelerando a concentração de riquezas e operando de forma a potencializar explorações.

A lógica egoísta e destrutiva do sistema de produção, condicionado ao lucro, ameaça a existência de qualquer forma de vida. É nesse contexto que o avanço

instrumental do capitalismo neoliberal; ao invés de estar a serviço de uma sociedade voltada à democracia plena, portanto ecossocialista, opera de forma a reforçar os padrões do sistema de relações sociais vigente – o que também se expressa por meio do colonialismo digital [1].

Assim, entendemos pela necessidade de problematizar ganhos científico-tecnológicos sob a perspectiva da emancipação coletiva, especialmente em um momento de pandemia que intensificou a imersão digital [2]. Termos como “Economias de Plataforma”, “4ª Revolução Industrial”, “Revolução Digital” nomeiam a escalada neoliberal que opera de forma a qualificar a tecnopolítica da vigilância, estimulando novas formas de expropriação e reificação, as quais vão ao encontro da Grande Reinicialização [3].

Trata-se da flexibilização do trabalho sob o engodo do empreendedorismo de plataforma (que incita a existência de monopólios da tecnologia, os quais adentram a estrutura da educação, da saúde e de moradia); de reforço do aparato seletivista de repressão do Estado, por meio de novas formas de controle; de urbanização tecnoautoritária [4]; e da algoritmização da vida [5], perpassando o acirramento de opressões como o racismo, a misoginia, a xenofobia, a lgbtfobia e o capacitismo pelo desenvolvimento de inteligência artificial enviesada.

A opacidade dos meios pelos quais a tecnologia vem operando, em razão do baixo índice de permissão à participação popular nas decisões estatais e dos segredos empresariais envolvidos nessa dinâmica, torna a resistência necessária; a fim de se lutar por uma concepção da tecnologia como alternativa antissistêmica, contra a embalagem digital para valores antigos. Inclusive, para a própria internet alcançar seu potencial libertador, o capitalismo tem de ser superado.

A caminhada hegemônica do capitalismo digital lida tanto com a exclusão de alguns grupos quanto com a superexploração de outros tantos, cujos dados – sujeitos a perfilização [6] – são centrais para a estruturação de modelos de negócio comprometidos com demandas de constante mudança tecnológica em favor do lucro acima da vida e de fomento ao consumismo. Trata-se de um cenário que também produz desinformação e manipulação política e, como filiadas ao PSOL, propugnamos pela avaliação crítica desse modelo tecnológico que instiga o esvaziamento de investimentos públicos em produção científica a ser coletivizada.

relações de trabalho [8] e com a exploração de recursos naturais por cadeias de produção centradas na extração mineral e na obsolescência programada. Ainda, é importante destacar como a gratuidade de alguns serviços mediados pela tecnologia são oferecidos a titulares de dados e ao Estado como forma de projetar a máxima captura das expressões humanas, prontas a serem mercantilizadas; são condições, como já colocado, massivamente expandidas durante a pandemia do novo coronavírus [9] para reforço ao aparato do capitalismo de vigilância.

Desta maneira, oferecemos as seguintes contribuições ao partido, que não esgotam o tema, devendo ser alvo de debates progressivamente abrangentes e transversais. Devemos, nacionalmente:

1. Promover formulações teóricas e práticas a respeito dos direitos digitais, das tecnologias e do vigilantismo capitalista (dentro de uma perspectiva radical, popular e transversal) que deem conta de compreender e transformar a realidade do povo brasileiro.
2. Incentivar articulações transversais envolvendo o tema de tecnologia, bem como consultas pelas instâncias de decisão e proposição partidárias. Entendemos que as setoriais devam assumir maior protagonismo na construção das proposições do partido tanto no tema dos direitos digitais quanto nos demais, dessa maneira, reivindicamos que os diferentes diretórios, bancadas e demais instâncias fortaleçam as setoriais nas atividades do partido e em suas regiões de atuação.
3. Dar atenção prioritária à denúncia e ao enfrentamento do uso (por Estados, empresas e grupos de indivíduos) das tecnologias digitais para aperfeiçoamento da perseguição e repressão - que empregam, inclusive, táticas fascistas (sendo o bolsonarismo laboratório central dessas práticas). Esta situação ameaça gravemente a democracia e a vida de todos que denunciam e combatem os abusos do sistema capitalista. Inúmeros episódios demonstram a gravidade e extensão com que as tecnológicas e mídias sociais estão impregnadas na própria estratégia de manutenção da dominação capitalista como: a perseguição a Julian Assange; a onda golpista na América Latina; a morte de Marielle Franco; a produção de dossiês de antifascistas e de servidores públicos "opositores" por deputados estaduais e até pelo Ministério da Justiça; e a intimidação, pela polícia federal, de Guilherme Boulos e Sônia Guajajara.

- 3.1. Recomendamos, portanto, a adoção e promoção de práticas e de cultura de segurança digital para militantes e apoiadores, sobretudo por

4. Combater a escalada de privatização digitalizada generalizada em curso nos mais diversos setores - na saúde, na educação, no campo, na mira punitivista do Estado - que tende a reforçar a submissão de direitos a grandes monopólios de tecnologia (como Google, Apple, Facebook, Amazon e Microsoft) bem como por meio de startups por elas financiadas. Apesar de não nos darmos conta disso cotidianamente, os segredos empresariais ditarão a lógica da tomada de decisões que afetam a coletividade.

4.1. Recomendamos a priorização de softwares livres (códigos abertos, não proprietários) nas práticas intrapartidárias e também nas propostas externas ao partido.

4.2. Recomendamos posicionamento contrário às doações de softwares e infraestrutura informática que vem ocorrendo por empresas aos entes federativos, além da defesa por fundos públicos que possibilitem acesso à internet por meio de redes comunitárias.

Referências:

[1] Sobre colonialismo digital e o uso da tecnologia digital para a dominação política, econômica e social de outra nação ou território, sugere-se o seguinte texto:

<https://outraspalavras.net/tecnologiaemdisputa/a-ameaca-nada-sutil-do-colonialismo-digital/>

[2] Pesquisa sobre o uso da Internet no Brasil durante a pandemia do novo coronavírus Painel TIC - COVID-19: <https://cetic.br/pt/publicacao/painel-tic-covid-19/>.

[3] A respeito dessa nomeação de cunho ideológico utilizada pelo Fórum Econômico Mundial para uma reformatação da economia global a partir da pandemia, sugere-se um vídeo produzido pelo canal Sai Fetiche, disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=LBZc199rqUQ>.

[4] Sobre tais instrumentos, reconhecimento facial: <http://igarape.org.br/infografico-reconhecimento-facial-no-brasil/>

[5] Sobre algoritmização da vida, sugere-se o artigo "Algoritmização da vida e organização da informação: Considerações sobre a tecnicidade no algoritmo a partir de Gilberto Simondon", acessível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/107396>.

[6] Inteligência Artificial e viés algorítmico <https://medium.com/blogcarlavieira/como-realmente-surge-o-vi%C3%A9s-na-ia-e-porque-%C3%A9-t%C3%A3o-dif%C3%ADcil-corrigi-lo-b3f9af8f3700>

[7] Sobre capitalismo de vigilância e educação pública no Brasil, sugere-se

<https://educacaovigiada.org.br/>

[8] A respeito do trabalho por meio de plataformas, sugere-se:

https://lavits.org/lavits_covid19_23-os-laboratorios-do-trabalho-em-plataformas/?lang=pt.

[9] A respeito da naturalização de sistemas e tecnologias de vigilância durante a pandemia: <https://diplomatique.org.br/a-naturalizacao-de-sistemas-e-tecnologias-de-vigilancia-na-pandemia/>. Ainda, sobre sua relação com a exploração do tempo e dos corpos: <https://outraspalavras.net/podcasts/podcast-vigilancia-e-controle-na-quarentena>

